

**RESENHA  
REPORT/SUMMARY**

**DAOLIO, JOCIMAR (ORG.). *FUTEBOL, CULTURA E SOCIEDADE*. CAMPINAS: AUTORES ASSOCIADOS, 2005**

Mnda. Simone Cecília Fernandes  
Faculdade Educação Física/UNICAMP

O futebol é, inegavelmente, parte da vida dos brasileiros. O termo no masculino é literal e intencional, pois ser homem em nossa sociedade parece exigir, entre outras coisas, ao menos que o sujeito tenha um time de futebol para torcer. As mulheres também torcem e jogam, mas sua participação parece ínfima diante da mobilização masculina para esse esporte. De tão culturalmente enraizado, até nos passa a sensação de que eles nasceram assim, com o gene do futebol inscrito em seus pés.

Esse “universo da bola” possui um saber público e dinâmico do tipo “zona de rebaixamento; rodadas e classificações; quem sobe e quem desce nas divisões; rodada da semana e seus resultados”, todos com uma lógica própria de funcionamento que demanda uma dedicação muitas vezes incompreensível por nós, mulheres. Uma norma comum parece ser que todo bom torcedor precisa saber narrar, ao menos, um momento marcante do futebol para sua vida: aquela jogada inesquecível, o gol mais emocionante, aquele sabor de “virada” no último minuto do jogo.

Trata-se de um esporte que permanece, ainda nos dias atuais marcado pela contradição entre o gosto mundano e o mundo dos negócios, prevalecendo o caráter espontâneo e público de sua manifestação entre a maioria da população, pois tradicionalmente ele apresenta normas reiteradas no interior das famílias e sua prática acontece nos mais inusitados espaços, especialmente nos espaços públicos ou baldios. É comum vermos meninos brincando de futebol pelas ruas e talvez seja este o segredo para a formação constante de craques no futebol brasileiro: crianças brincam com a bola, brincam de driblar e de fazer “firulas” com ela.

Diante deste quadro podemos pensar no futebol como uma manifestação da nossa cultura corporal. Daolio circunscreve bem essa manifestação cultural em seu

livro, trazendo artigos de diferentes autores, inclusive um de sua autoria, que abordam diversos temas integrantes da complexa trama cultural que o futebol engendra.

De acordo com a afirmação de Geertz, para quem a cultura é pública porque seus significados são compartilhados por todos, Daolio afirma que o futebol é público, porque sua rede de significados são publicamente compartilhados e conformam um saber local e, acrescento, bastante ligado a um universo de símbolos masculinos (o que não significa dizer exclusivamente de homens).

O futebol é também um saber-fazer que casa a história pessoal com a coletiva do país, por meio dos usos políticos que freqüentemente são evidenciados. Só para refrescar a memória: *“90 milhões em ação, pra frente Brasil, do meu coração; todos juntos vamos, pra frente Brasil, salve a seleção”* era a música da copa de 70, no México, e insere-se num contexto de afirmação nacional e de busca por uma identidade com o regime político da época.

O livro vai abordar, em um de seus artigos, essa ligação entre a história de vida de alguns torcedores e a identidade coletiva de torcedor. Torcer pelo Vasco da Gama aparece associado à periferia, à histórica participação de negros no time, a um universo de certa forma marginalizado. Em São Paulo essas associações identitárias também são feitas. Podemos pensar na grande torcida Corintiana, que certamente não identifica o seu time com a elite financeira brasileira. É claro que isso não significa que o time não possua em sua torcida essas pessoas. No entanto, o imaginário sobre a torcida corintiana está associado às camadas menos abastadas da população. Vale citar que com a crescente construção do clube-empresa, a tendência do negócio parece querer borrar essa ligação identitária.

Dentro deste emaranhado simbólico que o futebol enlaça, o livro aborda temas como a superstição no futebol, os sentidos do torcer por um time, a paixão do torcer e a rede de significados que o termo “violência no futebol” implica, a esfera de afirmação de uma masculinidade por meio do futebol, a (não) presença da mulher no futebol brasileiro, o futebol-arte brasileiro, a rivalidade entre as torcidas. O fio condutor que une os artigos é a busca dos significados que permeiam o futebol em nossa sociedade.

Futebol, Cultura e Sociedade é uma coletânea composta por seis artigos de diferentes autores organizada por Jocimar Daolio. Com uma linguagem simples, o livro pode ser apreciado tanto por curiosos apaixonados pelo futebol, como também por intelectuais da área, pois sua simplicidade casa com a complexidade dos textos ali apresentados.

O estudo um, de autoria do próprio Daolio, revela o quanto os brasileiros são supersticiosos em se tratando de futebol. Galho de arruda, dente de alho, rezas no gramado, promessas, repetições de gestos e trajes associados à vitória, recusa de visitas de jogadores tidos como “pé frio” em dia de jogo revelam parte desse universo sobrenatural que permeia uma partida de futebol. E, como afirma o autor, sendo o futebol inseparável da vida das pessoas, ele expressa os sentimentos, emoções, regras, moralidades, religiosidades que integram a sociedade em que se insere.

O autor traz a reflexão sobre a relação que esse saber público, fundado no pensamento sobrenatural, estabelece com o senso comum, entendendo-o como um sistema cultural historicamente construído e não como uma expressão menor do ser humano. Esta abordagem tenta situar o senso comum na esfera pública e portanto, um saber cultural, nem melhor, nem pior, mas um saber que não está marcado pelos ordenamentos da ciência.

Citando Geertz, o autor apresenta cinco características entrelaçadas entre si, que nos permitem explicar a dinâmica de funcionamento do pensamento do senso comum: a naturalidade, a praticabilidade, a leveza, a não-metodicidade e a acessibilidade.

O tema do estudo dois é a construção social da paixão no futebol, no qual o autor Silvio Ricardo da Silva busca compreender essa “paixão nacional” pelo futebol. Com esse intento, o autor dialoga com a história do Vasco da Gama e com alguns de seus torcedores e desvela a diversidade de fatores que permeiam o “torcer por um time” e a paixão da torcida. Fatores como a família, o local de moradia, a origem étnica, o grupo de amigos, os ídolos, as histórias pessoais, entre outros, constroem uma rede simbólica que dão sentido ao ato de torcer e estabelecem uma relação identitária entre o torcedor e o seu time.

O futebol brasileiro tem um estilo de jogo? Sérgio Settani Giglio volta seus pensamentos para essa questão, que traz inúmeras outras no decorrer do seu texto. Adotando uma análise do futebol como forma de expressão da sociedade, o autor contrapõe inicialmente o futebol-arte ao futebol-força, situando, respectivamente, o futebol brasileiro e o futebol europeu. No caso do Brasil, o futebol surge associado à brincadeira de rua, às peladas marcadas pela agilidade e pelo improviso. Fato que marca o seu estilo de jogo como mais criativo mesmo diante da atual preocupação com o vigor físico dos atletas.

A dinâmica da rivalidade entre as torcidas de futebol é observada por meio de um estudo exemplar sobre os significados do torcer por um time e a relação com o seu rival, sob o ponto de vista do torcedor. O autor, Márcio Pereira Morato, realiza um estudo de campo entre os torcedores rivais de dois clubes do município de Campinas, a Associação Atlética Ponte Preta e o Guarani Futebol Clube a fim de analisar a dinâmica própria da violência entre as torcidas rivais.

O autor estabelece os significados do torcer por um time e, como ele afirma, a complexidade deste ato extrapola a escolha ocasional para revelar um “mar” de significados construídos e reiterados socialmente. A violência no futebol não é somente uma mera explosão de sentimentos aprisionados, mas uma resposta à afronta do rival diante destes significados do torcer. Compõem esse universo do torcedor, segundo o autor, o patrimônio, os jogadores e os próprios torcedores. O patrimônio compreende o clube ou sede, o estádio, a história, o hino, o mascote, os títulos, a camisa, a bandeira, as cores e o distintivo. Todos esses elementos se entrelaçam e configuram uma identidade ao torcedor, sendo a bandeira e a camisa os maiores objetos simbólicos de um time.

Muitos autores estudam a violência nos esportes, em especial no futebol europeu, e os significados encontrados são inúmeros e encontram-se marcados pelo contexto de sua manifestação. Heloisa Helena Baldy dos Reis aprofunda o estudo da violência no futebol ao buscar uma análise dos fatores macroestruturais presentes em nossa sociedade que operam junto às expressões tidas como violentas. Para a autora, fatores como o crescimento da pobreza e o aumento da desigualdade social estão

atrelados à violência, sendo, portanto, fenômenos marcantes das sociedades urbano-industriais que se revelam também no futebol.

Finalizando a coletânea, o que soa até simbólico diante das afirmações iniciais sobre esse “universo da bola” compartilhado mais pelos homens, está um estudo sobre o futebol como área reservada masculina. Eriberto Lessa Moura afirma que, mesmo diante da crescente participação feminina nos esportes, este é ainda um espaço de afirmação de uma masculinidade. Fato que, segundo o autor, pode ser percebido na insatisfação com que muitos homens observam a inserção da mulher no futebol. O autor constata criticamente o fato do esporte ser, de maneira geral e, no caso do Brasil, o futebol, um dos últimos redutos para a constituição de normas tradicionais de masculinidade.

Diante desta afirmativa, nos resta entender porque mulheres jogam futebol, ou antes, como estas fronteiras entre masculino e feminino se estabelecem no cotidiano? Há uma dimensão relacional na própria constituição dos significados entre o feminino e o masculino. É o próprio autor quem dá pistas destas reflexões, ao dizer que a questão das fronteiras simbólicas modificaram-se ao longo dos anos, em especial com o embate político e teórico que o movimento feminista empreendeu a partir do conceito de gênero.

Podemos afirmar que o futebol é uma manifestação de grandes dimensões em nossa sociedade, com traços que caminham por significados políticos, econômicos, históricos, sociais e culturais (para ficar somente entre os aspectos centrados nas ciências humanas). Este livro irá abordar neste esporte aquilo que se constitui como um terreno privilegiado para se conhecer alguns dos significados culturais que orientam a sociedade brasileira.

O livro possibilita uma viagem por esse “universo da bola”, como uma maneira de adentrar a essa rede de significados mesmo sem compartilhá-los. Finalizo com um convite à leitura, por considerá-la como de grande valia para aqueles que se inserem nessa rede, para que possam se compreender melhor, aos leigos no assunto, para que possam, se assim desejarem, se inserir nesse universo e também aos estudiosos da área, para que possam dialogar com os conhecimentos já produzidos e, assim,

construir novos horizontes de análise para o futebol, revelando-o como porta de entrada (ou saída) da cultura brasileira.